

MARCAS CORPORAIS, PELES NEGRAS E PLANO INTENSIVO DA CLÍNICA

Grupo de Pesquisa CorpoSSutiS

[Jully Wannny Rocha (bolsista Pibic-UFF), Julia Câmara, Julia Craveiro, Mariana Aquino, Marcelle Freitas, Luiza Loyola, Vic Guimarães, Catarina Resende]

Laboratório de Subjetividade e Corporeidade (CorporeiLabs)
Universidade Federal Fluminense (UFF)

grupocorpossutis@gmail.com

Saberes Marginais

Resumo

A presente pesquisa investiga como se desenrola a formação de um corpo-clínico sensível: seria possível elaborar, manusear, avaliar uma experiência sensível como matéria formadora de um corpo-clínico na graduação em Psicologia? Entendemos esse Corpo-Clínico para não só o corpo do clínico, mas, também o analisando, o ambiente e as zonas de contágio. Inicialmente, utilizando disparadores bibliográficos para investigarmos a contratransferência enquanto ferramenta do analista no processo terapêutico e o jogo Modo Operativo AND como ferramenta metodológica e instrumento de sensibilização. Numa aposta clínica ético-estético- política, nos debruçamos sobre a pergunta: Como viver juntos? A partir de um incômodo e silenciamento, após uma experiência imersiva que ganhou espaço em nossos corpos enquanto pesquisadores mistos étnico-racialmente e, conseqüentemente, em nosso corpo-pesquisa, nos sensibilizamos a pensar produção das corporeidades em suas multiplicidades e singularidades, fazendo-nos debruçar sobre os recortes possíveis dos corpos, por ora, os negros. Sustentando as perguntas disparadoras “Como formar um corpo-clínico sensível” e “Como viver juntos”, ampliamos a bibliografia para autores negros e mudamos a metodologia para o espetáculo “Entre falas – O corpo negro: narrativas autorais”, realizado no SESC Copacabana, cujo resultado está em andamento.

Palavras-chave

corporeidades, corpos negros, clínica, sensível, dança.

A pesquisa de iniciação científica “Uma arte das conexões sutis: a formação de um corpo-clínico sensível”; é desenvolvida desde 2018 no curso de Psicologia da Universidade Federal Fluminense (UFF-Niterói) pelo grupo de pesquisa CorpoSSutiS e é vinculada ao Laboratório de Subjetividade e Corporeidade (CorporeiLabS). Apostando numa perspectiva transdisciplinar de investigação da clínica em interação com os campos da arte, da política, da ciência e da rua como intercessores, rompemos as fronteiras “seguras” dos especialismos encerrados em áreas disciplinares e somos impulsionadas a considerar o seu fora junto de novos diálogos e sentidos aos estudos das corporeidades, a fim de dar relevo ao corpo em seu aspecto sensível como territórios de outros possíveis. Para tanto, há uma ampliação da dimensão estética da clínica, transversalizada por encontros prático-teóricos, visando problematizar um certo regime sensível dos corpos e dos afetos. O corpo teórico não objetiva, de modo algum, fundar uma técnica correlata para todos os casos, mas, sim, sustentar as transformações ético-políticas implicadas em um saber e em um fazer que se dispõem a estar em relação com as singularidades que atravessam. A partir dessa transversalidade entre práticas e saberes, questionamos como se desenrola a formação desse corpo-clínico sensível: seria possível elaborar, manusear, avaliar uma experiência sensível como matéria formadora de um corpo-clínico na graduação em Psicologia? Entendemos esse Corpo-Clínico como não apenas o corpo do clínico, mas reabordando-o enquanto um campo de composições vivas que inclui o corpo do analisando, o ambiente e as zonas de contágio dos movimentos intensivos, aquilo que se dá no entre, inclusive o que é indizível e invisível.

O primeiro dispositivo metodológico para essa investigação foi o jogo Modo Operativo AND (FIADEIRO, EUGENIO, 2013; RESENDE et al, 2017) como

instrumento de sensibilização, no intuito de expandir experiências intensivas em nossos próprios corpos, sem uma distinção rígida entre sermos sujeitos e objetos de pesquisa, habitando as zonas de contágio entre corpos. Com essas experiências, buscamos nos atentar à sensibilidade de composição com outros corpos e “costurar” as rodadas do jogo com a clínica e a vida. A partir de uma experiência imersiva, fomos experimentando a força da dimensão intensiva junto a materialidade dos nossos próprios corpos, lançando-nos no plano do impessoal, mas pudemos nos conectar às histórias e narrativas singulares que as marcas dos nossos corpos traziam, desorganizando a superfície (meta)estável de um certo corpo coletivo da pesquisa. Deparamo-nos com um incômodo, um silenciamento que ganhava espaço em nossos corpos enquanto pesquisadores e, conseqüentemente, em nosso corpo-pesquisa. Isso nos sensibilizou quanto ao contexto das relações produzidas em nossos corpos plurais e diferentes entre si, na nossa realidade de universidade pública federal, habitando embates e paradoxos que esse campo implica na produção das corporeidades. A partir disso, lançamos mão do nosso primeiro recorte: os corpos negros.

Trazendo novas texturas para o que se passa na superfície intensiva e material dos corpos, focamos em nos observar e nos compreender como um grupo misto étnico-racialmente e aprofundar os desdobramentos disso (ainda não entrando diretamente na interseccionalidade de gênero e classe). Será que nosso corpo-clínico sensível se transfigura da mesma forma? O estudo da racialidade, entender a branquitude e a negritude tem se tornado essencial quando nos debruçamos a pensar o corpo de maneira paradoxalmente concreta e intensiva. Em algum momento passamos a “reparar”: por que falar dos corpos negros como um “recorte” se estes são a maioria do nosso país? Dentro da academia, o tecido hegemônico do

conhecimento científico ainda universaliza os corpos como brancos, fazendo com que outros saberes sejam uma exceção, um recorte.

Entendemos também que esse recorte é um recorte pelo avesso dos corpos, que afirma e deseja um conhecimento que se faz à contrapelo: aprendemos a buscar as linhas de pensamento e sensibilidade que só são reveladas no arrepio dos pelos que se levantam no sentido contrário ao penteado que criava uma imagem lisa e uniforme. Estudar raça e entender nossos territórios e marcas se torna primordial para uma prática clínica ético-estético-política no país onde vivemos. É um recorte ao contrário, pois a maioria da população brasileira é autodeclarada negra. Compreendido isso, colocarmo-nos intensivamente no contato com essa questão através da arte e das nossas próprias caminhadas. Entender as sutilezas e singularidades de cada corpo para que possamos abarcar intimamente aquilo que nos propormos: a formação de corpoS clínicoS sensíveiS, podendo enfatizar o “S” do plural de forma a ressaltar as singularidades dos corpos.

A estesia ofertada a nós pela arte, passou a compor nosso novo percurso, além da escolha de novos referenciais bibliográficos. Dessa forma, passamos a utilizar a ida a eventos de arte e discussões acadêmicas com a temática da negritude como ferramenta metodológica da nossa pesquisa, nos aproximando das histórias dos corpos negros e suas expressões, por acreditar na formação de corpoS clínicos sutis e na potência da criação de novas narrativas e subjetividades. É nesse giro que uma de nossas caminhadas através e a partir da arte se derivou para o Festival Sesc EntreDança, no Rio de Janeiro, que teve como protagonismo nessa edição de 2019 o corpo negro, com co-curadoria da artista, pesquisadora e docente Carmen Luz. Numa parceria de gratuidade das entradas do nosso grupo de pesquisa com a curadoria do festival, alguns dos espetáculos seguidos de debates com os artistas

criadores e intérpretes compuseram as bases dos nossos novos dispositivos metodológicos.

A arte contemporânea é privilegiada nessa ponte com a abordagem transdisciplinar da clínica porque ao mesmo tempo que as mesmas fazem/dizem/agem com as mais variadas formas de criação, estas, incisivamente, pretendem e fazem uma criação de desvios, abrindo para o campo das novas possibilidades. É importante ressaltar também, que estamos atuando no campo das intensidades, das sensações, das emoções, e essas não são expressas apenas pelo verbo falado. Damos importância ao encontro sensível dos corpos e ao que é dado ali, no acontecimento sutil. A dimensão estética da arte também sendo utilizada para chegar nessas intensidades de maneira porosa, intervém numa certa política das sensibilidades. A dança, nesse sentido, pode ser tomada como dispositivo que dá força a essas intensidades não verbais e que nos ajudam a criar redes afetivas na clínica. Na abertura do plano da clínica às interferências estéticas da arte são mobilizados os regimes de afetação, numa convocação para estar disposto a se encontrar com o outro (mesmo que em nós mesmos) e a se marcar pelas fricções entre os corpos. Uma clínica que se dá no acontecimento e que não se apoia em neutralidade; uma dança que se dá no limiar entre/com dois. É ultrapassar a si mesmo e criar, juntos, no coletivo, um mundo possível. É sempre estar no caminho de compreender o outro e compreendendo o outro, poder olhar para si mesmo e se experimentar, renovando-se (RESENDE et al, 2019).

Ter um festival de dança com o protagonismo de artistas negros em cena como um dispositivo de sensibilização, foi uma oportunidade de catalisar nossa pesquisa a uma abertura porosa e coletiva às novas questões que estávamos descortinando e seguimos enfrentando. Conhecer obras artísticas com ampla

diversidade de linguagens estéticas, com narrativas e modos de expressar corpos negros singulares, nos ofertou um cenário estético e crítico ainda não vislumbrada pelo nosso corpo-pesquisa até então.

De acordo com a edição comemorativa dos 30 anos da Cia. Rubens Barbot, a dança de um corpo-nosso-brasileiro encarna um saber corporal que inclui cultura e história e dispara afetivamente em nós a discussão sobre a relação do corpo dançante com sua história, com as condições das marcas de injustiça cognitiva e social. A dança produz subjetividades que vão de encontro ao processo de dominação, denunciando os estereótipos, estigmas e desrespeito cultural sobre os corpos não reconhecidos em seu potencial artístico, seu saber corporal e sua memória ancestral. O artista negro, na linguagem da dança inventa um caminho novo à libertação da realidade opressora. Tomamos aqui o saber corporal, a corporalidade, a cultura gestual como prática de pesquisa que viabiliza a experimentação de outros caminhos para a reformulação da arte assim como a reformulação de um certo entendimento de sentir-com na prática clínica. Assim, acreditamos que a partir dos espetáculos do festival pudemos nos conectar com os corpos que estávamos querendo aprender com e sentir com. Quais são as sutilezas que esses corpos expressam? Escrevemos relatos intensivos sobre a experiência de afetação com os espetáculos vistos de forma a investigar no campo estético-político a formação de um corpo-clínico através das ressonâncias sensíveis com o EntreDança.

As apresentações e discussões estão em processo de elaboração, compondo com as leituras de autoras e autores negrxs e não-brancos evidenciando a importância do contato com narrativas de vida da população negra. Iniciamos a nova bibliografia com os livros “Pensar Nagô” do Muniz Sodré; “Ideias para Adiar o Fim do Mundo” do Ailton Krenak; “Imagens para Alguma Paisagem” da Companhia Rubens

Barbot e com a organização de Claudia Ramalho -essa, em especial, resultante da experiência no festival-; “Crítica da Razão Negra” do Achille Mbembe; “Memórias da Plantação” de Grada Kilomba, “Pele Negra, Máscaras Brancas” de Frantz Fanon, “Ensinando a transgredir: A educação como prática de liberdade” de bell hooks.

Pensamos como a criação artística pode ser uma via de recriação de vida de uma população que tem que conviver constantemente com a opressão de uma sociedade racista. “Porque, não é sobre abandonar o balé clássico (ou sim?) mas, sim, criar um contexto de dança onde a cultura negra não seja excluída ou subjugada, um tema, um recorte”. Essa posição de subalternidade é mais um reflexo da estrutura da sociedade brasileira. Onde, seguimos colonizados também nos modos de produzir conhecimento e olhando para a Europa como referência única. A proposta dessa pesquisa tem sido poder observar no corpo as estratégias criadas para a vida através das expressões artística e entendemos, essa pesquisa com o corpo, como uma atitude sensível de experimentar as afetações que as problemáticas políticas, a estética, a cultura, as discussões acerca e a partir da população negra como nossa metodologia de sensibilização.

Para nós, partindo de uma aposta transdisciplinar da clínica com a arte/dança, entendemos que as discussões ditas em palavras, ou as problemáticas dançadas, a beleza encantada de um corpo que dança suas marcas, sua história, em um mês inteiro de festival, nas suas mais variadas “corposições”, e posições políticas em meio às diferenças de um grupo dançarinos tão heterogêneo foi de grande importância também para encontrar o momento atual de nosso percurso enquanto pesquisadores. Levamos essa experiência como bagagem e potencial criador para seguirmos na investigação das nossas perguntas disparadoras da pesquisa: Como pensar a formação de corpos-clínicos sensíveis? E Como viver juntos?

Referências bibliográficas

EUGENIO, F.; FIADEIRO, J. Jogo das perguntas: o modo operativo “AND” e o viver juntos sem ideias. *Fractal, Rev. Psicol.*, Niterói, v. 25, n. 2, maio/ago. 2013.

RESENDE, C. et al. Corposições entre o ver, o dizer e o agir. *Fractal, Rev. Psicol.*, v. 29 – n. 2, p. 135-142, 2017. Dossiê Corporeidade.

RESENDE, C.; CÂMARA, J.; LOYOLA, L.; GUIMARÃES, V. Micropolíticas do sensível, corporeidade e clínica. *Repertório*, Salvador, ano 22, n. 32, p. 220-243, 2019.1

ROLNIK, S. A hora da micropolítica. *Série Pandemia*. São Paulo: N-1 Edições, 2015.